

nham já alcançado uma certa estruturação. Mas não há dúvida de que o enquadramento de fundo se moldura no ambiente da espiritualidade sacerdotal. É o que se deduz, por exemplo, do motivo que, segundo o profeta, determina o agir de Deus sobre a evolução da história humana: quer quando castiga, quer quando redime, o Senhor o faz por amor da Sua glória e do Seu nome. Correlativamente, o pecado não é tanto um desprezo do amor de Deus, quanto um atentado de orgulho e de arrogância, face à majestade soberana do Altíssimo.

E assim se individualiza a personalidade de um alto profeta: se toma de outros um conjunto de temas similares, ou, pelo menos, se em alguns autores os encontramos afins — pensemos num Jeremias, num Oseias —, a panorâmica do profeta sacerdote reveste-os de cambiantes originais.

É difícil a leitura de Ezequiel. Mais do que em qualquer outro, a sua palavra é consequente ao processo de uma visão extática.

Os símbolos multiplicam-se, sobrepõem-se, entrecrocavam-se, pois há no profeta um esforço por traduzir, o melhor possível, toda a riqueza do místico arrebatamento. Danças macabras de figuras e associações de imagens dispare e plenas de bizarria postam-se como sereias, fazendo-nos perder a marcha leda e sossegada do discurso.

Ao nível da imagem, o estilo floreado e barroco submerge o ramo da ideia que o ampara sustenta. Tudo concorre para uma dificuldade de acesso à sua leitura...

L. Monloubou quer, exactamente, facilitar aos cristãos um contacto proveitoso com o profeta Ezequiel. Enquanto que forte cerração nos venda e nos subtrai aos contornos definidos da sua mensagem — quando muito nos impressiona, de longe, o bruxulear indeciso e vago de uma centelha —, experimentamos que, pela mão do autor, se nos faculta uma aproximação mais viva e cheia de inteligibilidade, a respeito de Ezequiel. Com o contacto, maior luz; e, com ela, o encandeamento e o fascínio pelo homem tão original no seu agir — as profecias em acção! — e na palavra, que nos jere na medula do próprio ser. — F. C. Correia.

BEUMER, J., *L'inspiration de la Sainte Écriture*. Ed. du Cerf. Col. «Histoire des dogmes», n. 5. Vol. de 128 ps. 135 × 215. Paris 1962.

Professor de teologia fundamental, na Universidade de Frankfurt, e já autor de outras obras, uma das quais traduzida em francês sob o título «La Tradition orale», mostra, como aquela de que agora nos ocupamos, uma análise do tema enquadrado numa perspectiva histórica e onde as ideias, portanto, se vêem desabrochar, crescer e atingir a sua maturação, numa sequência lógica e diáfana.

«L'inspiration de la Sainte Écriture» é um estudo sobre a origem transcendente da Bíblia, enquadrado numa perspectiva histórica e teológica. Poder-se-ia dar preferência a um trabalho mais desenvolvido que este, onde a síntese sobreleva em grande plano. Mas as fases, por que o tema evolui, estão suficientemente demarcadas; os autores que as representam jazem bem esculpidos e o remate, que lhe dá fecho — o Vaticano II —, bem disposto na sua importância: mesmo com as questões que não resolveu e até com os problemas que fez levantar... — F. C. Correia.

SCLAGES, Mgr. Bruno de, *Critique des Évangiles et Méthode Historique. L'exégèse des synoptiques selon R. Bultmann*. Édouard Privat, Éditeur. Vol. de 219 ps. 135 × 210. Toulouse 1972.

O autor, formado pela Escola Bíblica de Jerusalém, aluno do grande exegeta P. Lagrange, com o qual manteve especiais relações de premuta científica após a sua formatura, é já bem conhecido no campo da intelectualidade católica, em razão das suas numerosas publicações, as quais, pelo seu carácter científico e variedade de assuntos, ou temas nelas versados, denotam a alta e multimoda cultura do seu autor. Nessas obras, com efeito, trata, cientificamente, de Teologia, Apologética, Filosofia, Apostolado e mesmo de Literatura. Mas a sua Obra Grande, que lhe conquistou foros de autêntico especialista no estudo dos

três primeiros evangelhos é obra intitulada «Synopse grecque des Évangiles, Méthode nouvelle pour résoudre le problème synoptique. Leiden, N. K. Brill, 1958. Volume de 1.128 páginas. Poderá haver melhor recomendação para mais esta obra, especialmente dedicada à defesa do pleno valor histórico dos Evangelhos Sinópticos?

Visto a Obra ter como subtítulo «L'Éxégèse des Synoptiques selon Bultmann» e este autor partir de teorias filosóficas, não pode opor-se-lhe cientificamente outro autor desprovido de vagagem filosófica; mas Mgr. de Solages é perito e perito apreciado no campo filosófico, com obras, como já acima se diz, sobre esse ramo de ciência, sendo, nomeadamente, uma de 400 páginas, publicada em 1967, dedicada ao estudo das ideias filosóficas de Teilhard de Chardin...

Assim se compreende que o Instituto Católico de Tolouse o tenha distinguido com o título de seu Reitor honorário.

O leitor desculpará este assás extenso exórdio, motivado na necessidade de chamar a atenção para uma obra, que ajudará a não poucos responsáveis pela transmissão ao Povo de Deus da autêntica Mensagem do Evangelho escapar ao perigo, de que muitos já têm sido vítimas, de se deixarem influenciar por uma catastrófica exegese, se exegese se pode chamar ao ataque demolidor de Bultmann a todo o valor histórico-religioso da Sagrada Escritura, com escândalo mesmo para não poucos autores protestantes, conforme se vê na presente obra.

Logo no prefácio são apontadas as arbitrarias hipóteses e singulares abusos de vários pretensos exegetas, até no campo católico; «procura-se, diz Mgr. Solages, história e encontra-se romance». Com razão é citado, ainda no prefácio o célebre repto do Mártir S. Justino aos perseguidores homicidas: — «Não queremos defender a vida à custa duma mentira»; isto é o mesmo que dizer que os mártires davam a vida em defesa duma fé, baseada numa certeza, derivada dum testemunho plenamente histórico e não duma fé resultante duma experiência religiosa a partir dum protótipo, que se chamava Jesus Cristo. Este apelo ao testemunho tão significativo de milhares e milhares de mártires, teste-

munho este tão antigo como a própria Igreja aparece depois desenvolvido em validíssimo argumento no decorrer da Obra, cuja temática principal se deduz já do teor do prefácio, que, assim, é verdadeiro prefácio.

Está dividida em quatro partes, sendo a 1.ª dedicada ao estudo das bases científicas da exegese, bases essas incompatíveis com o recurso a simples hipóteses, fruto, em geral, de erróneos dados filosóficos, ousando os seus autores passar, facilmente, a dar foros de conclusões certas a essas mais ou menos fantásticas hipóteses, com o perigo, e perigo bem à vista, de leitores, menos preparados, aceitar essas pretensas certezas. Pode mesmo acontecer que outros leitores, com melhor preparação se deixem levar do perigoso engodo da novidade, sob o pretexto de actualização. Infelizmente, lamenta com razão o autor, estão muito em voga os métodos subjectivos, inteiramente contrários ao verdadeiro método científico.

Na 2.ª parte são expostos os dados positivos sobre a historicidade dos Evangelhos, a partir do testemunho dos mais célebres autores dos primeiros tempos, como Origenes, Tertuliano, etc., testemunhos bem conhecidos de qualquer iniciado em estudos bíblicos, mas, em parte ou totalmente esquecidos, pelos sequeiros de novidades de qualquer espécie.

A 3.ª parte é a mais importante pela científica refutação do método de Bultmann, refutação breve mas contundente, sendo, ao mesmo tempo, acessível a leitores de mediana cultura em estudos bíblicos. Talvez seja este um dos maiores méritos da Obra.

A 4.ª parte, com certas facetas de originalidade, é uma espécie de análise interna, sob o prisma de psicologia aplicada e um recurso a dados históricos, que acompanharam a difusão do Evangelho.

Em cinco complementos, dois dos quais com operações matemáticas da autoria do especialista, abade Mirquet, o autor confirma exuberantemente a sua tese.

Oxalá o livro, escrito em língua conhecida pelos que mais dele podem aproveitar, seja realmente aproveitado para ainda se remediarem, o mais possível, nocivas influências bultmannianas e, sobretudo, para precaver dessas influências as jovens gerações, tanto

de eclesiásticos como de leigos, visto a juventude, porque o é, está mais exposto a ser vítima de aparatosas novidades, principalmente quando elas lhe apontam caminhos mais suaves para o percurso da vida terrena, sempre tão difícil de aguentar. — S. F.

MUSSNER, F., *Histoire de l'herméneutique*. Ed. du Cerf. Col. «Histoire des dogmes», n. 6. Vol. de 110 ps. 135 × 215. Paris 1972.

Todos nós sabemos da importância que a hermenêutica, desde há muito, obtivera na teologia protestante e como o problema atrairá, nos últimos tempos, as atenções primordiais. Quem não se recorda ter sido ele o argumento de fundo na controvérsia Barth-Bultmann, a ponto de dividir o bloco, até aí monolítico, da teologia dialéctica?

É certo que, já desde o Vaticano I,

a hermenêutica implantara arraiais no domínio católico; mas, até ao II daquele nome, a sua influência contivera-se nos limites impostos pelas ciências bíblicas. Só depois do último concílio ecuménico é que a hermenêutica se tornou uma vasta ciência teológica, como diz F. Mussner. Esta generalização de longo alcance tem a sua pedra de toque, quer no impulso decidido do Vaticano II, quer também no diálogo ecuménico, como consequência do acostamento à poderosa reflexão hermenêutica, vigente no campo acatólico.

O livro de F. Mussner assinala as linhas de rumo deste problema de linguagem entre os Protestantes e no seio da Igreja a que Roma preside, até ao último concílio. Deixa ver como a teologia se compromete mais e mais no problema hermenêutico e como as virtualidades deste se carregam de esperanças firmes de potente maturação, sob os impulsos da sociologia, da linguística moderna e do estruturalismo. — F. C. Correia.

Teologia

FLÓREZ GARCÍA, Gonzalo, *La reconciliación con Dios. Estudio teológico-pastoral sobre el sacramento de la penitencia*. La Editorial Católica, S.A. Col. B.A.C., t. 329. Vol. de XXIV + 348 ps. 125 × 200. Madrid 1971.

A teologia há-de viver, na condição peregrinante da Igreja, numa como que tensão entre um dado de fé, que há-de manter, com toda a religiosidade, e as novas exigências, que a evolução socio-cultural desperta no interior da comunidade cristã. É que ela vive essencialmente metida no coração do mundo.

Ao encerrar-se, satisfeita, nas aquisições do passado, fica sem hipóteses de proporcionar uma resposta aos problemas genuinamente religiosos que as novas condições de vida naturalmente levantam. Mas, se perde de vista o património da fé, em ordem a adaptar-se integralmente às condições hodiernas, corre o risco de não dar

uma resposta evangélica às angústias de um mundo indigente. É, antes, acolher no seu íntimo as falências e as trivialidades de uma existência caduca, com a perda irreparável do seu recheio divino. Em boa verdade, poder-se-ia dizer: trocava-se a primogenitura pelo prato de lentilhas...

Esta posição de equilíbrio, a respeito do problema da renovação do sacramento da penitência, tentou-a Gonzalo Flórez García. Não quis o autor meter vinho novo em odres velhos. Destes tenta aproveitar os bons, que possam, com a fragrância entranhada do seu aroma, dar sabor divino às novas colheitas dos tempos que correm.

Por outras palavras: abre-se às interrogações socio-culturais de hoje, sem querer deslocar o pé do terreno firme que a Igreja de ontem estabeleceu, sob a acção e guarida do Espírito Santo.

Partindo da sua experiência de professor do Seminário de León e do seu contacto com diversas correntes teológicas e pastorais, endereça-se a todo